

JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

Juventudes e participação política

Priscylla Ramalho Dias Ferreira
Sebastião Everton de Oliveira





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

Série de Cadernos Temáticos
“Juventude brasileira e educação”

Juventudes e participação política

Autores/as:

Priscylla Ramalho Dias Ferreira
Sebastião Everton de Oliveira

Organização:

Álida Leal, Brésicia Nonato,
Licínia Correa e Symbaira Nonato

Capa e projeto gráfico:

Carol D’Alessandro

Diagramação:

Editora Fino Traço

Cadernos da série

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F383j

Ferreira, Priscylla Ramalho Dias

Juventudes e Participação Política / Priscylla Ramalho Dias Ferreira, Sebastião
Everton de Oliveira. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

40 p. : il.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-8054-510-4

1. Educação. 2. Juventude. 3. Participação Política. I. Oliveira, Sebastião
Everton de. II. Título.

2021-3331

CDD 370

CDU 37

Priscylla Ferreira¹
Sebastião Oliveira²

Juventudes e participação política

1. Priscylla Ramalho Dias Ferreira - Graduada em Ciências Sociais e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, é educadora social, militante de movimentos sociais e gestora de projetos sociais. Integra, desde 2012, o Observatório da Juventude e a rede Fórum das Juventudes da Grande BH.

2. Sebastião Everton de Oliveira - Graduado em Letras e doutorando em Educação da FAE/UFMG. É educador social e Gestor Público na PBH. Integra o Observatório da Juventude da UFMG, a rede do Fórum das Juventudes da RMBH e é Professor da Especialização em Juventude Contemporânea da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes³. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**

Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, είδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!

Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.



Iniciando o giro do caleidoscópio

Queridos/as colegas leitores e leitoras,

É com alegria que apresentamos o Caderno “Juventudes e Participação Política”. Nele, propomos um diálogo sobre a participação juvenil a partir de uma concepção ampliada de política, considerando seus significados presentes na multiplicidade de dinâmicas e de formas de atuação dos/as jovens.

Nessa reflexão, partimos da ideia de participação como uma prática cotidiana, pessoal e coletiva, que deve ser garantida como um direito e como um caminho de cidadania, de reconhecimento e negociação das diferentes demandas e necessidades das pessoas.

De modo geral, queremos não apenas contribuir para uma agenda em favor da vida das juventudes, como também refletir sobre a relação dos/as jovens com os processos de engajamento

coletivo em busca de solução para seus problemas, validando as suas vocações, os seus sonhos, desafios concretos e reais no tempo presente.

Assim, gostaríamos de convidar vocês para a leitura deste material, com a sugestão de que o faça com disposição e abertura para organizar e multiplicar os aprendizados no encontro com o que a sua experiência também nos traz, especialmente na interação e construção coletiva de ações e trabalhos junto aos/às jovens.

Boa leitura!

Participação política e juventudes: um diálogo em construção

Os/As jovens são compreendidos/as e interpretados/as de várias formas. O modo como os/as vemos diz muito sobre a organização e os sentidos que estão em jogo no trabalho com eles/as. Alguns desses olhares idealizam, responsabilizam, ou até mesmo romantizam a participação política dos/as jovens. É muito comum uma associação de participação política ligada aos movimentos estudantis das décadas de 1960 e 1970, ou, ainda ao movimento dos “Caras Pintadas” pelo Impeachment de Collor em 1992; cenas importantes da história e comumente veiculadas nas mídias. Esses são processos que demarcam certa aparição e expressão dos/as jovens em mobilizações e conflitos sociais no país; mas, também trazem certo risco de padronização e projeção sobre um “modelo ideal” de atuação política para as novas gerações.

Existem também visões que enquadram os/as jovens como “rebeldes sem causa”, como “apáticos/as” e “desinteressados/as”, ou ainda, que os/as concebem como indivíduos que “não querem nada com nada”. Ao observarmos melhor essa ideia negativa sobre a “não participação” dos/as jovens, ela pode cair por terra, já que as experiências concretas dizem que os/as jovens não apenas gostam de participar, como também reivindicam que essa participação aconteça. De maneira geral, pretendemos aqui pautar essa

temática da participação política, compreendendo a participação como um **processo de envolvimento para impactar decisões** que afetam a vida das pessoas, dos grupos e instituições; que podem ter maior ou menor abertura para construção coletiva e partilha do poder de decisão (CARRANO, 2012).

Sobre isso, mais recentemente, vimos surgir novos ciclos de participação e protestos com forte participação dos/as jovens brasileiros/as, como as jornadas de junho de 2013 e as Ocupações das Escolas em 2015 e 2016. Neste contexto, os/as jovens nos surpreenderam e provaram que algumas formas tradicionais e institucionalizadas de participação (movimentos partidários, sindicais, estudantis e outras formas associativas) ainda se mostram atrativas e possíveis de serem renovadas e modificadas assumindo novas dinâmicas. Dessas expressões, nas últimas eleições, por exemplo, ficaram evidentes os mandatos coletivos que se reverberaram expressivamente; outro exemplo é a importância dos sindicatos para as juventudes do campo.

A discussão e reflexão sobre tais questões são fundamentais, especialmente no âmbito do trabalho educativo, uma vez que a participação juvenil demanda apoio, aprendizado, e neste caso, a escola e os/as educadores/as podem oferecer estímulos para que essa atuação aconteça, desde os grêmios estudantis até outros mais variados modos de participação, reconhecendo

os desejos dos/as jovens e facilitando espaços de aprendizagem e construção coletiva.

Ainda sobre essa contextualização, nos estudos atuais sobre a participação política, é possível identificar pelo menos três eixos relacionados às **formas contemporâneas de participação dos jovens**: aquelas relacionadas à **questão estudantil**; as que trazem como articulação as **culturas juvenis**; e, as iniciativas ligadas às **ações diretas e associativismos com base nos territórios e nas identidades** (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). Essas questões apontam para diferentes dimensões da participação: religiosa, partidária, temática, associativa, ciberativista, dentre outras; além disso, revelam que a participação política está para além do sistema político, de votar e ser votado, para além das instituições tradicionais.

Exemplos disso são as inúmeras experiências juvenis, especialmente de jovens mulheres, que se organizam em torno das pautas ligadas à identidade de gênero, aos feminismos e à diversidade sexual. Para muitas dessas jovens o feminismo relaciona-se à construção de uma posição de empoderamento, de autoafirmação e da luta por igualdade de direitos. Um elemento comum aos movimentos feministas e LGBTQIA+ é a forma como coletividades e subjetividades estão imbricadas nas lutas, e suas experiências de participação política passam pela experiência

pessoal de autoafirmação e de construção de identidades (SILVA *et. al*, 2018). A saúde reprodutiva e sexual das juventudes é outro exemplo de pauta que mobiliza muitos/as jovens, tendo em vista as especificidades de suas demandas. O contexto de avanços das ISTs – Infecções Sexualmente Transmissíveis – entre a população mais jovem, que também se tornou uma das agendas de luta e ação coletiva desses sujeitos.

As **ações coletivas** podem ser compreendidas como diferentes formas de organização, interação e propostas de transformação da realidade, associadas à solidariedade e resolução de conflitos. Vejamos a seguir alguns exemplos de coletivos e movimentos juvenis que atuam com essas temáticas no Brasil, em especial.



Outros ângulos, cores e formas

Você sabe o que significa a sigla LGBTQIA+? Cada caractere da sigla LGBTQIA+ significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros, Queer, Interssexuais, Assexuais e o símbolo de mais (+) representa todas as outras possibilidades de identidade de gênero ou orientação sexual que existam e podem existir. Esta

sigla representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero e tem grande relevância e importância política para as pessoas nela incluídas e representadas. Para conhecer e compreender mais sobre as discussões de identidades de gênero e orientações sexuais, leia o Caderno “Juventudes, Sexualidades e Diversidade”, de autoria dos colegas Paulo Henrique de Queiroz Nogueira e Thales do Amaral Santos.

Grupo Conexão G de Cidadania LGBT de Favelas – RJ⁴

Fundada em março de 2006, na cidade do Rio de Janeiro, o Grupo Conexão G é uma organização da sociedade civil criada a partir de um grupo de jovens com o objetivo de realizar ações de reflexões sobre a homossexualidade em favelas. Desde a sua criação, promove ações para combater o preconceito e a discriminação contra a população LGBTQIA+, tendo como foco a temática dos Direitos Humanos e a Promoção da Saúde da população LGBTQIA+ moradora de favelas do Rio de Janeiro.

4. Informações retiradas da página de facebook do grupo: <https://www.facebook.com/GrupoConexaoG/?ref=page_internal>. Acesso em: 17 fev. 2021.

Integrantes do Grupo Conexão G de Cidadania LGBT de Favelas



Fonte: <https://www.facebook.com/GrupoConexaoG/photos/?ref=page_internal>. Acesso: 26 jul. 2021.

Coletivo Tibira - visibilidade indígena LGBTQ+⁵

O Coletivo Tibira é composto por jovens de variadas etnias, como Tuxá, Boe Bororo, Guajajara, Tupinikim e Terena, que buscam difundir as narrativas de indígenas gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros, além de terem criado a primeira mídia do Brasil totalmente dedicada à pauta indígena LGBTQIA+. Este Coletivo tem o objetivo de dar visibilidade e ampliar a representatividade de pessoas indígenas LGBTQIA+, dentro e fora das comunidades indígenas, articulando a pauta de gênero e sexualidade ao contexto de mortalidade desses jovens, segmento proporcionalmente mais vitimizado pelo suicídio.

5. Informações levantadas no site da rede de etnomídia Visibilidade Indígena <<https://www.visibilidadeindigena.com/post/conhe%C3%A7a-tibira-o-coletivo-de-visibilidade-ind%C3%ADgena-lgbtq>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Slam das Minas – DF⁶

O Movimento do Slam é um movimento político, artístico e cultural protagonizado majoritariamente por jovens de periferia, que consiste em uma competição de poesia falada, por meio da qual eles/elas expressam suas pautas de reivindicação. Existem vários grupos como este organizados pelo país. Um desses exemplos é o Slam das Minas do Distrito Federal, que surgiu em 2015, tendo entre outras aspirações “(...) politizar a cultura da palavra falada, da batalha de poesia, da arte resistente de rua nas comunidades políticas, afetivas, geográficas de mulheres e lésbicas”, conforme relata a carta inspiradora/carta de princípios deste Coletivo. Defendem a liberdade do desejo e o direito pleno à autoafirmação e à autoexpressão das mulheres na cena pública.

Cena do Movimento do Slam



Fonte: <<https://www.facebook.com/slamdasminasDF/photos/1713967698879434>>. Acesso: 26 jul. 2021, às 16:52

6. Conheça mais sobre o Slam das Minas em: <https://www.facebook.com/slamdasminasDF/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 17 fev. 2021.



Outros ângulos, cores e formas

O Slam, ou Poetry Slam, é uma competição de poesia falada conhecida ao redor do mundo desde 1984, quando foi criada em Chicago EUA. Em cada competição, poetas têm de recitar poemas autorais de até 03 minutos, sem usar figurino, elemento de cena ou acompanhamento musical. Ao final de cada poesia recitada, juradas(os) dão notas de 0 a 10, e vence quem tiver mais pontos. Slams abertos crescem em muitas cidades brasileiras, chegando a um número (em 2020) de mais de 200 comunidades de Slam no Brasil.

Entenda como funciona o Slam de Poesia. Reportagem TV Cultura.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XyZyrLugcBI&t=82s&ab_channel=TVCultura>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Slam Roda das Manas (RJ). Reportagem Canal Brasil.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dbMz67uSQXQ&ab_channel=tvbrasil>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Slam Minas Gerais. Reportagem Canal PUC Minas.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SHF5AoyFMjQ&t=199s&ab_channel=PUCTVMinas>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Coletivo ISTEja Prevenido⁷

Criado a partir de projeto de extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, o Coletivo ISTEja Prevenido foi criado em 2017 com o objetivo de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis. Os/As estudantes que participam do coletivo promovem ações de multiplicação voltadas à prevenção e ao acolhimento de jovens que vivem e convivem com Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

E você, conhece algum movimento ou coletivo juvenil que promove ações coletivas voltadas a essas temáticas? Esses são alguns exemplos que nos ajudam a compreender **outras dinâmicas de participação política** ainda não reconhecidas pela sociedade, em geral. Isso porque quando falamos em política geralmente associamos ao seu sentido mais comum que diz respeito aos espaços formais e institucionalizados, tais como os de construção das leis e da execução das políticas públicas ou da participação em partidos políticos e sindicatos. No entanto, é possível também compreender a participação política a partir da leitura das relações de **negociação e organização das nossas liberdades**, do acesso aos direitos e das demandas e decisões do dia a dia. Quando jovens mulheres participam de um grupo feminista na internet

7. Visite a página do coletivo ISTEja Prevenido. <<https://www.facebook.com/coletivoistejaprevenido/>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

para dar visibilidade à pauta da violência de gênero; quando comunidades ocupam as ruas pelo fim da violência policial contra jovens negros/as; ou estudantes fazem um abaixo-assinado reivindicando obras na quadra da escola; ou ainda quando poetas promovem saraus de poesia pela cidade, abordando temáticas que dizem respeito aos problemas do seu cotidiano; podemos dizer que em todas essas situações as juventudes estão participando politicamente.

Participação política juvenil: sentidos e práticas

Na perspectiva que trazemos aqui, a **participação política juvenil** diz respeito a **formas de engajamento**, de **ações coletivas**, de **envolvimento e atuação**, de **práticas sociais e políticas** que devem ser entendidas como um **direito democrático** que busca reivindicar e solucionar problemas enfrentados pela juventude, como também valorizar a diversidade e a possibilidade de envolvimento das pessoas em processos decisórios sobre questões que lhes afetam em todos os sentidos e âmbitos da vida. Por essas razões, essa prática busca superar a cultura política, ainda preponderante, que restringe a participação a formatos institucionalizados e somente a alguns grupos e pessoas, excluindo, silenciando e invisibilizando determinadas vozes e corpos, sejam das mulheres, das

pessoas LGBTQIA+, das pessoas negras, dos povos tradicionais, das populações pobres e periféricas, dentre outros.

Sobre isso, vamos apresentar a seguir mais alguns exemplos de participação política das juventudes que se diferem das formas mais comuns. Nessas experiências, percebemos que os/as jovens trazem suas reivindicações específicas, mas também têm em comum a relação com o território e com as tradições das suas comunidades, entre outros problemas, demandas e reivindicações que trazem à tona. É preciso observar, ainda, como a **representatividade das juventudes do campo, das águas e das florestas** nos diversos espaços da política é pouco expressiva, resultando também em um apagamento do ativismo desses/as jovens. Movimentos como os indicados a seguir imprimem diferentes identidades e culturas juvenis e contribuem para a desconstrução de estereótipos sobre o/a jovem do campo em comparação com o/a jovem da cidade. Vejamos:

*Juventude do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
(MST)⁸*

Um exemplo bastante representativo da luta juvenil no contexto rural refere-se às juventudes do MST. Esses/as jovens arti-

8. Saiba mais sobre que ações e atividades promovem os/as jovens do MST Brasil afora: <<https://mst.org.br/temas/juventude/>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

culam as causas da luta pela terra a outras lutas das juventudes e vêm fortalecendo importantes pautas como a da sucessão rural, ao desconstruírem a falsa ideia de que todo/a jovem do campo deseja dele sair para viver em centros urbanos. Essas juventudes reivindicam políticas públicas que lhes garantam condições de vida dignas e sustentáveis para permanecerem no campo.

Agentes Agroflorestais Quilombolas – AAQ⁹

No território de Santa Rosa dos Pretos, em Itapecuru-Mirim, no estado do Maranhão, surgiu o Coletivo de Jovens Agroflorestais. Esses/as jovens lutam em defesa do seu território e da existência de sua comunidade, denunciando as práticas violentas de mineradoras e grileiros que tentam expulsar a comunidade de seu território. Eles/as utilizam como estratégias de luta a arte e a tradição, desenvolvendo ações na comunidade voltadas ao resgate da memória e da história africana e afro-brasileiras e da cultura quilombola como a capoeira, as roças, as casas de farinha, as quebradeiras de coco, o Tambor de Crioula, o Festejo do Divino Espírito Santo e o Tambor de Mina.

Essas dinâmicas de participação política das juventudes demandam uma ampliação de olhares que deem conta de abarcar

9. Conheça mais sobre o AAQ e o Coletivo de Jovens Agroflorestais do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos no Maranhão: <<https://quilombolasagroflorestais.wordpress.com/>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

os diversos contextos e sujeitos. Se, em determinado período histórico, o movimento estudantil universitário era a referência para definir, dar sentido e concretude ao que chamamos de participação política juvenil, em outros momentos, as iniciativas ligadas ao campo da arte e da cultura, como o movimento Hip Hop e os movimentos de Sarau e Slam de Poesia, passam a ser também consideradas formas de participação política das juventudes. Já em outros momentos e contextos ampliam-se as experiências de engajamento político das juventudes que dão centralidade às chamadas pautas identitárias, especialmente ligadas às questões de gênero e raça.



Focalizando imagens

No artigo *“Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos”*, é apresentado um panorama da literatura sobre o tema da participação juvenil e reflexões sobre esta temática. Ele foi organizado pelas pesquisadoras Cynthia Ozon Boghossian e Maria Cecília De Souza Minayo, publicado em 2009, na revista eletrônica Saúde e Sociedade, disponível na internet. Vale a pena ler para aprofundar essas reflexões.

A temática racial está muito presente, principalmente entre jovens negros/as e moradores/as das periferias das grandes cidades, tendo em vista que é este segmento da população a maior vítima da violência letal no país. É importante reconhecer as variadas estratégias de luta das juventudes no enfrentamento ao extermínio da juventude negra que colocam em pauta e mobilizam em torno dessa questão, a partir de variadas linguagens e formatos, e a conectam a outras causas e problemas.

Vale destacar, também, o importante papel do feminismo negro que reforça a dimensão da experiência, das subjetividades e dos corpos, bem como da interseccionalidade, da junção das desigualdades de gênero, classe e raça, como características marcantes das formas de ativismo e ações coletivas protagonizadas por jovens (FACCHINI, 2020). É possível afirmar que raça e gênero se colocam como dimensões transversais e estruturadoras das formas mais contemporâneas de participação política das juventudes, visto que são também elementos estruturantes e centrais nos processos de construção das identidades políticas juvenis.

Vejamos outros exemplos de ações coletivas, desta vez protagonizadas por jovens tendo como centralidade as questões étnico-raciais.

Juventude Negra Periférica - do Extermínio ao Protagonismo!¹⁰

O bairro periférico Terra Firme, localizado na região metropolitana de Belém do Pará, abriga uma interessante iniciativa de ação coletiva de jovens estudantes de uma escola, que utilizam a linguagem do cinema para lutar pelo reconhecimento e valorização da identidade sociocultural afro, indígena e ribeirinha. O ponto de partida foi o filme “Pantera Negra”, que os/as jovens da escola tiveram a oportunidade de assistir. A partir do filme, desenrolaram variadas ações que, além de trazerem a pauta do racismo, deram visibilidade às expressões artístico-culturais dos/as jovens envolvidos/as. Entre as ações realizadas, o grupo produziu o próprio filme documentário e uma proposta de intervenção urbana por meio da organização de um Cine Clube, com produções audiovisuais de jovens negros/as periféricos/as.

Xangô Menino: casos de violência à Juventude Negra de Sergipe¹¹.

Desenvolvido por jovens da comunidade Ojú Ifá, de Aracajú - SE, o projeto Xangô Menino é uma entre várias iniciativas junto às comunidades e aos povos tradicionais de matriz africana, que tem

10. Veja na reportagem mais informações sobre o Cine Clube TF. <<https://direcionalescolas.com.br/cine-club-tf-juventude-negra-periferica-do-exterminio-ao-protagonismo/>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

11. Mais informações sobre a comunidade e o projeto nas redes sociais <https://www.facebook.com/comunidadeojuiifa/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 16 fev. 2021.

como foco o combate ao racismo e a quaisquer outras formas de preconceito e a defesa da diversidade religiosa. O grupo mobiliza jovens negros/as, indígenas, ciganos/as, de terreiro, católicos/as, evangélicos/as, espíritas, feministas, sem-terra, do movimento estudantil, do movimento Hip Hop, entre outros, em torno da pauta do enfrentamento ao racismo institucional e do genocídio da juventude negra.

Como podemos ver, a partir de todos os exemplos trazidos, seja qual for a experiência observada, é importante compreendermos que um tipo de movimento ou ação coletiva não elimina o outro e que devem ser consideradas legítimas todas as causas defendidas e pautas de reivindicação desses sujeitos. Diante da pluralidade de contextos e de perfis das pessoas que participam, vale observar também que, frequentemente, as causas defendidas, assim como as formas e estratégias de atuação desses sujeitos se misturam, se encontram, se retroalimentam.

Por falar em estratégias de atuação, a **ocupação de espaços públicos** é um tipo de estratégia bastante presente em ações coletivas protagonizadas por jovens. Você já ouviu falar, por exemplo, do movimento da “Praia da Estação” ou das “Paradas LGBTQIA+”, ou ainda da “Marcha das Mulheres Negras”? Esses protestos, eventos e ocupações são estratégias de lutas que têm um sentido político muito relevante para pessoas que trazem diferentes

corpos para os espaços públicos e, dessa maneira, lhes atribuem novos sentidos e significados. Vale chamar atenção para o termo utilizado para referenciar esse tipo de movimento: o termo adequado é “ocupação” e não “invasão”, que é usado para deslegitimar as lutas de oprimidos, subalternizados.



Outros ângulos, cores e formas

Para conhecer mais sobre as relações entre corpo e política, sugerimos o filme: “Meu Corpo é Político”, numa produção do Studio Riff e Paideia Filmes e direção de Alice Riff.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U36fLTKyXzw>>.

Acesso em: 31 mai. 2021.

Olhando para a multiplicidade de formas participativas, você consegue se lembrar de algum exemplo recente de participação juvenil em que jovens utilizaram a estratégia de **ocupação** para chamar a atenção para as suas pautas de reivindicação? Lembra-se, por exemplo, das recentes experiências de ocupação das escolas de Ensino Médio em vários estados do Brasil entre 2015 e 2016? Você teve notícias e/ou acompanhou as inúmeras manifestações do movimento “Black Lives Matter” (Vidas Negras

Importam), protagonizadas majoritariamente por jovens negros e negras, nos Estados Unidos, e que reverberaram diversas inquietações no Brasil?



Outros ângulos, cores e formas

Para conhecer mais sobre o movimento de ocupações das escolas entre 2015 e 2016, há inúmeros documentários disponíveis no YouTube. Sugerimos três deles, que focalizam as ocupações das escolas de São Paulo e do Paraná:

“São Paulo: Educação Ocupada” (2015), produzido pelo grupo de mídia Vice Brasil.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j42hfZiOfSU&t=5s>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

“Lute como uma menina!” (2016), produzido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

“Primavera Secundarista” (2017), produzido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Educação e Tecnologia (GETET), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TbNqoky5HYV>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

As juventudes querem participar!

A partir da discussão proposta, acreditamos que o mais importante seja compreender que os/as jovens são sujeitos políticos e produzem tanto suas identidades participativas, como também reinventam as maneiras de se associarem e participarem da vida coletiva e da política, de forma mais ampla. Nesse sentido, eles/elas constroem e produzem culturas, avaliam e questionam posturas sociais naturalizadas, produzem iniciativas de processos coletivos e reivindicam a necessidade de seu protagonismo, ou seja, de sua participação mais efetiva, com seu reconhecimento enquanto partícipe propositivo e válido nesses espaços sociais.

O sentido de **protagonismo** a que nos referimos aqui diz respeito ao exercício da participação juvenil de forma autônoma, em que os/as jovens definem como participar, pressupondo o reconhecimento das suas vivências, desafios, desejos, anseios e a valorização das suas invenções para a transformação da realidade. Ou seja, não há uma regra ou prescrição vinda de alguém ou de alguma instituição sobre o que colocar em pauta e sobre como os/as jovens devem participar, pois são eles/as que constroem os sentidos e criam as práticas da sua participação política.

Diante disso, enfatizamos que a participação política é também um aprendizado, um processo que “se faz aprendendo” e “se aprende fazendo”, já que não é constituído naturalmente nas pes-

soas. Além disso, “não participar” ou ter uma posição “neutra” em determinada discussão não isenta as pessoas de viverem os efeitos das suas decisões. Por isso, enquanto seres políticos, sempre nos formamos e nos constituímos na relação com os outros, no encontro com as diversidades; em processos que revelam nossa incompletude, nossos medos, mas também nossas potências para criar e recriar o mundo.

Assim, podemos compreender a participação num sentido mais amplo, que considera a coexistência de movimentos institucionais e expressões, performances e ações individuais e coletivas: movimentos que dão origem a grupos, coletivos e iniciativas como o grêmio estudantil, grupos de batalhas de rima, organização de jovens em espaços religiosos, conselhos de direitos das juventudes, dentre outros. Todas essas ações coletivas são complementares e disputam o próprio sentido de fazer política, de conviver e pautar problemas sociais, individuais e coletivos.



Juntando imagens e reflexos

Dessas reflexões, podemos entender que as novas formas de participação das juventudes também estão relacionadas com a crise da democracia representativa e a descrença de grande parte da população (incluindo as juventudes) em relação às tradicionais e insuficientes instituições de representação institucional para a garantia da cidadania. Elas também apontam para outros possíveis caminhos, para que outras representações, em que identidades, sujeitos e corpos historicamente invisibilizados, inferiorizados e excluídos se façam presentes. Que outros espaços de participação são possíveis? Que outras institucionalidades precisam ser criadas para que mais pessoas possam efetivamente acessar espaços de poder? Como fortalecer e ampliar a democracia superando as formas excludentes e elitistas de representação? Além disso, como lidar com quem pensa diferente de nós? Como trabalhar com os jovens que pautam valores conservadores ou antidemocráticos, nos processos grupais? Essas são importan-

tes questões para pensarmos como educadores/as de jovens e como cidadãos/ãs. Isso porque a ação política é formativa e a experiência comum é que nos orientará para as inovações pedagógicas e para atualizar o nosso próprio papel como educadores e educadoras.

São muitas as indagações a serem feitas e os caminhos para respondê-las passam pela observação e escuta atenta às juventudes. Não podemos esquecer que existem situações e vocações híbridas, ou seja, trajetórias juvenis que experimentam, ao mesmo tempo, o pertencimento a mais de grupo e prática coletiva. Como vimos, apesar de considerar novas dinâmicas sociais, existem espaços tradicionais que desenvolvem importantes incidências, inovações e formações emancipadoras para as novas gerações.

Não menos importante, precisamos considerar que a socialização dos/as jovens acontece em um emaranhado de relações e interações presentes nos espaços *online* e *offline*, que acontecem simultaneamente. Neste emaranhado é possível perceber um mundo de outras atuações e fabricações de identidades sociais e políticas. *Youtubers*, lojas colaborativas, cursinhos pré-vestibulares, redes de reutilização de produtos, vaquinhas virtuais, cursinhos e grupos para ações afirmativas na universidade, e ainda eventos de repúdio e denúncias, ou seja, existem múltiplas expressivida-

des políticas e culturais que estão socialmente vivas neste amplo, complexo, largo e dinâmico universo de atuação, leituras, feitura dos/as jovens com a sociedade.

Como podemos ver, a discussão aqui proposta reforça a importância de trazer os/as próprios/as jovens para o debate, ouvindo e tomando como ponto de partida o que eles/elas pensam sobre o tema, quais os sentidos e significados compartilham sobre política e sobre participação. A partir das suas experiências e narrativas a respeito, eles/elas nos instigam a conhecer as suas formas de engajamento, militância e atuação nos mais variados contextos e formatos. Sem essa escuta e olhar sensíveis, pouco entenderemos.



Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir

Após a leitura deste Caderno, convidamos-lhes, caros leitores/as, a realizarem conosco, com seus colegas e/ou com os/as jovens com quem trabalham, exercícios sobre a temática nele apresentada. Ressaltamos que essa proposta é apenas uma possibilidade de melhor

compreender a discussão sobre participação política dos/as jovens, podendo ser imaginados muitos outros tipos de exercícios.

Como um primeiro deles, sugerimos que escolha uma das ideias, exemplos e questões trazidos neste texto e, partindo deles, façam um levantamento em seu contexto de atuação e trabalho, dos movimentos juvenis, dos coletivos, grupos, espaços de encontro e organizações juvenis de participação política, que atuem nessas ou em outras pautas (*on e/ou offline*) apresentadas neste Caderno. Vamos identificar e caracterizar formas e práticas de participação política (*online* ou *offline*) dos/as jovens brasileiros/as, começando ou partindo dos/as jovens com quem trabalhamos.

Vamos levantar informações, com os/as próprios/as jovens ou através de outras fontes, sobre a atuação de vários Coletivos Juvenis. Vamos procurar investigar, também, quais os perfis dos/as jovens que se envolvem na ação, e o que elas e eles têm a dizer sobre essas experiências. E, no caso daqueles/as que não participam, vamos buscar identificar quais são as razões dessa “não participação”, com especial atenção para os efeitos dessa não adesão e se isso afetaria ou não em sua experiência de vida e, também, na experiência social de sua comunidade.

Em seguida, recomendamos que compartilhem estes materiais com um/a ou mais jovens que frequentam este/s grupos/coletivos, e mesmo os/as que deles

não participam, convidando-os/as para uma roda de conversa. Por fim, sugerimos que você produza ou produzam juntos/as um relato ou outro formato de registro, com uma síntese sobre o que conseguiram aprender, divulgando esse material na escola e outros espaços físicos e compartilhando-os nas redes sociais e com outros/as jovens.

Referências

CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. *Rev. o Social em Questão* - Ano XV - nº 27 – 2012.

FACCHINI *et. al.* Movimentos Feminista, Negro e LGBTI no Brasil: sujeitos, teias e enquadramentos. *Rev. Educação & Sociedade*, 41, e230408. Epub July 22, 2020.

NOVAES, Anna Luiza Salles. Juventude Participação. In: PINHEIRO, Diógenes *et al* (Org.). *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. 186 p.

SILVA, Ana Cecília *et. al.* Juventudes, gênero e sexualidade: a ação política dos movimentos sociais. *Revista Polis e Psique*, 8(2), 93-117, 2018.

SPOSITO, M; ALMEIDA, Elmir; CORROCHANO, Maria. Jovens em Movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. *Rev. Educação & Sociedade*, 41, Julho, 2020.

SPOSITO, M; ALMEIDA, E.; TARÁBOLA, F. Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional. *Revista Estudos Avançados*, 34(99), São Paulo, 2020.





OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE DA UFMG

FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS